

Questões de gênero no Becco do Cotovelo: desafios metodológicos

Antonia Maria Rodrigues Laureano Carneiro

Mestra em Sociologia/Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Resumo

No presente estudo desenvolvo reflexões sobre o trabalho etnográfico a partir das relações entre a pesquisadora e seus(as) interlocutores(as). Discuto as dificuldades de imersão da pesquisadora em um espaço, evidenciando as relações de gênero. Proponho tecer algumas considerações sobre minhas escolhas metodológicas no estudo empírico dos frequentadores do Becco do Cotovelo na cidade de Sobral/CE.

Palavras-chaves: Becco do Cotovelo; Gênero; Etnografia; Subjetividade.

Abstract

In this study I develop reflections about the ethnographic study from the relationship between the researcher and the interlocutors. I discuss the difficulties of immersion of the female researcher in a space highlighting gender relations. I propose to make some considerations on my methodological choices in the empirical study of goers in Becco do Cotovelo in the city of Sobral/Ceará.

Keywords: Elbow Street; Gender; Ethnography; Subjectivity.

Introdução

Neste trabalho proponho tecer algumas reflexões sobre minhas escolhas metodológicas no estudo empírico dos frequentadores do Becco do Cotovelo na cidade de Sobral/CE. Deixando-me ser conduzida pelos achados empíricos fui direcionada a compreender como são as formas e vivências entre os beccianos e as beccianas, questões estas suscitadas em minha dissertação de mestrado *Gênero e política: etnografia visual no Becco do Cotovelo*.¹

1 Dissertação de Mestrado em Sociologia na Universidade Estadual do Ceará, defendida em 29 de abril de 2016.

Sendo pesquisadora e mulher, pontuarei algumas questões observadas em um espaço predominante masculino. Esses achados empíricos nortearam o direcionamento da pesquisa e me fizeram refletir sobre questões de gênero, questões de subjetividade e afetividade, sentimento estes que me chamaram atenção por serem contrários à ideia de objetividade científica (Weber 2003).

Para a pesquisa de mestrado foram feitas entrevistas estruturadas e semiestruturadas com 10 homens de idade entre 50 e 90 anos e 5 mulheres entre 20 e 60 anos. Além das entrevistas foi feita pesquisa empírica de julho de 2014 a setembro de 2015. Os espaços que se destacam pelo maior fluxo de movimentação, principalmente masculina, são o Café Jaibaras e o Café Flora. Ambientes estes marcados por intensa aglomeração de homens (no Café Jaibaras a maior movimentação é pela manhã, e no Café Flora, pela tarde). Para compreendermos melhor as relações representadas no Becco do Cotovelo vamos mergulhar um pouco no contexto citadino em questão.

“Beccianos e “beccianas”: caminhos que se cruzam

Descendo pela rua Cel. José Sabóia, que se inicia na Praça de Cuba, em direção à parte sul da Cidade, passa-se pela Igreja do Rosário em direção ao Banco do Brasil, Banco do Nordeste, Banco Itaú e Caixa Econômica. Encontra-se, portanto, entre essas instituições bancárias o Becco do Cotovelo. Ao parar entre o Banco do Brasil e o Banco do Nordeste, vê-se à esquerda o Becco do Cotovelo.

Constitui, portanto, um calçadão que se entende por toda a sua extensão. Uma rua estreita, com postes de iluminação centrais e bancos de madeira no contorno das bases elétricas, oferecendo um pouco de descanso aos pedestres e visitantes menos apressados. As pessoas transitam nesse espaço a pé, sendo proibido o tráfego de quaisquer transportes, inclusive, os ciclistas têm que atravessar o Becco do Cotovelo empurrando suas respectivas bicicletas.

Paralelamente às lojas laterais no calçadão há vendedores ambulantes, dentre os quais dois vendedores de livros usados e revistas eróticas se encontram diariamente no Becco: Felizardo Figueiredo, que chegou ao Becco há 30 anos, e Jorge Albuquerque Silva, há mais de 40 anos no Becco. Gabriel, pintor de quadros e tatuador também se faz presente no espaço citadino do Becco do Cotovelo. Este vende quadros e tem o chão como seu assento diário. Passa as manhãs pintando um e outro quadro, representando nestes a natureza. Os quadros se caracterizam por casas, plantas, sol, nuvens e o mar.

No Becco do Cotovelo, o Café Jaibaras e o Café Flora são considerados pontos de encontro para os sobralenses se informarem sobre os últimos acontecimentos da cidade. No Café Flora, os assuntos mais eminentes são referentes a jogos e campeonatos, pois o proprietário do estabelecimento, Luis Torquato, foi técnico do Guarany Sporting Club de Sobral. Conquanto, no outro extremo do Becco, no Café Jaibaras, sob a chefia do radialista Expedito Vasconcelos e sua esposa Lourdinha Vasconcelos, o assunto que reina naquele espaço é a política, seja local, regional, nacional ou até internacional.

O Becco, situado no centro da cidade de Sobral, perto dos Bancos e dos principais comércios, carrega consigo uma importância histórica, cultural e social para a cidade de Sobral.



Figura 1 Início dos movimentos no Becco.

Fonte: arquivo pessoal, 24 set. 2015.



Figura 2 Placa de inauguração da reforma datada em 1999 na gestão de Cid Gomes, ex-prefeito Municipal.

Fonte: arquivo pessoal, 24 set. 2015.

O Becco do Cotovelo surgiu no século XVIII a partir da construção de casas não planejadas no Largo do Rosário, onde atualmente está situada a Igreja de Nossa Senhora do Rosário. A formação de duas ruas laterais constitui o quarteirão de forma triangular, sendo o ápice, portanto, iniciado na Praça do Rosário e sua hipotenusa encontra-se na Avenida Dom José.

Em 1824, na cidade de Sobral, foi nomeado o advogado português Antonio Joaquim de Moura para alinhar as ruas que poderiam surgir a partir daquela data, com o intuito de que a “Villa” se tornasse mais alinhada e organizada, para que se cumpra “huma perfeita regularidade e simetria no alinhamento e divisões das ruas, se torne nossa Villa mais formosa e ofereça mais agradável perspectiva” (Frota 1995: 446). Sobral, àquela época, apresentava certos desníveis em relação à regulamentação das ruas. Apesar da tentativa de tornar os trechos mais nivelados, ainda hoje há exemplos de vias disformes. O Becco do Cotovelo é um destes exemplos, pois apresenta uma simetria não linear.

Foi exatamente na sessão da Câmara de Sobral em 20 de abril de 1830 que o Coronel José Sabóia solicitou que a Câmara nominasse todas as ruas, como também todas as casas. A partir do pedido do Cel. José Sabóia foi denominada, em 1842, a rua Becco do Cotovelo. A denominação Becco com dois “cês” é oriunda da influência portuguesa na cidade que, portanto, preserva a tradição até os dias atuais.

Sobral e a “sobralidade”

A cidade de Sobral situa-se na zona Noroeste do estado do Ceará, a 235 km de Fortaleza, localiza-se entre o rio Acaraú e a Serra da Meruoca. Foi instituída como município em 1841 e hoje é considerada uma das cidades mais importantes no Estado.

Abriga várias empresas de porte médio, como a empresa Grendene e a Fábrica de Cimentos, a Moageira Serra Grande, dentre outras. É a quarta economia do Estado, antecedida apenas por Fortaleza, Maracanaú e Caucaia.

Os pontos turísticos desta cidade são o Arco do Triunfo, o Pelourinho de Sobral, o Museu do Eclipse, o Museu Dom José Tupinambá da Frota, a Casa da Cultura de Sobral, o Colégio Santana de Sobral e o Becco do Cotovelo. Este último é considerado o coração da cidade, por se encontrar no centro da cidade como também pela sua importância para os sobralenses.

O Becco do Cotovelo tem uma importância singular para os sobralenses, pois é considerado o “Corredor Cultural”, ponto de difusão e enaltecimento da “sobralidade” por parte de seus frequentadores assíduos.

A cidade de Sobral tem uma identidade formada pela elite sobralense que se expressa em um sentimento de glória e mérito por ter sido uma cidade habitada por portugueses e hoje ser considerada uma das maiores economias do Estado. Essa identidade baseia-se a partir da construção da “sobralidade”, pensamento coletivo com base em recordações históricas sobre a cidade, bem como a projeção atual e futura do desenvolvimento econômico e cultural. O termo “sobralidade”, segundo Freitas:

Baseia-se em um processo elaborado pela elite da Cidade, direcionado para a construção de uma autoconsciência coletiva expressa em um dis-

curso ufanista, no qual a memória se reúne numa mobilização de desejo pelo futuro promissor, tentando construir uma unidade ou constância no tempo vivido, projetando esta unidade como necessidade para gerações futuras (Freitas 2000: 102).

Esta cidade é conhecida por sua “opulência e tradição”. A identidade sobralense é ressaltada pela elite local que se envaidece da “memória do triunfo e riqueza do passado” (Freitas 2000: 30) e se utiliza do termo “sobralidade” com o intuito de ressaltar a importância desta cidade e de sua história a partir da construção de uma identidade de pertencimento e reconhecimento dos sobralenses como pessoas de relevante importância que têm consigo o símbolo de nobreza (Paula 2012).

Aos sábados, acontece no Becco do Cotovelo o programa “Show do Ivan Frota: a voz do Becco”. Esse evento foi organizado pela Associação Amigos do Becco (AABC) liderada por Expedito Vasconcelos (prefeito do Becco), Chico Prado e Ivan Frota, integrantes da Associação. O programa se realiza neste espaço há dez anos, sendo transmitido ao vivo pelos programas de rádio local, Rádio Regional e Rádio Tupinambá.



Figura 3 Programa do Ivan Frota aos sábados. Neste outdoor há a referência sugestiva do Becco do Cotovelo como o Corredor Nacional da Democracia.

Fonte: arquivo pessoal.

O “Show do Ivan Frota” se realiza ao lado do Café Jaibaras, na parede lateral do Banco do Nordeste. Tendo início às nove horas da manhã e término às onze horas, é presidido pelo radialista Ivan Frota, acompanhado e direcionado pela população que queira falar, opinar sobre alguma obra pública, violência, política, entre outros enfoques que fazem parte da vida cidadina de Sobral. Alguns homens têm fala garantida no programa: o prefeito do Becco, Expedito Vasconcelos, o advogado da prefeitura e membro da AABC, Chico Prado.

Eventualmente, artistas alegravam o lugar e o programa com músicas ao vivo. Artistas locais, convidados para tocar e cantar, como o saxofonista Benedito Ferreira Linhares, conhecido como “O Koreano do Sax”. Doravante, há ainda, ocasionalmente, no período de execução do Programa, sorteios de brindes e cestas básicas, rifas para aqueles que assistem ao programa do início ao fim.

O público que se amontoa nas proximidades do Becco do Cotovelo para assistir ao “Show do Ivan Frota” é muito variado. Além dos já conhecidos “beccianos” surgem os mais variados tipos de figuras: mototaxistas, estudantes, fotógrafos, professores, enfim, o som, a música e as notícias chamam a atenção dos transeuntes que vagueiam pelo espaço fazendo com que parem, escutem e observem algo que lhes possa chamar atenção, que lhes seja útil em sua vida pessoal.

“O carisma grupal” (Elias & Scotson 2000) aferido a um grupo é estabelecido devido ao conhecimento que cada um tem do outro, como se se conhecessem desde a mais tenra idade. No entanto, o que compartilham são as particularidades vividas e vivenciadas no cotidiano do espaço, como também seus segredos íntimos e os conflitos familiares.

Devido a estas particularidades vivenciadas no dia a dia, formou-se um sentimento de pertencimento ao grupo, de união grupal que faz com que os beccianos se sintam pertencentes e praticantes de um conjunto de códigos de significados que os definem e os diferenciam. Assim, a configuração *estabelecidos-outsiders* se formará. O grupo existente compartilha suas particularidades entre os participantes ao mesmo tempo em que se distingue daqueles que são de “fora”, de forma que essa diferenciação não permite facilmente a inclusão de pessoas ao grupo. Mas isso não quer dizer que nunca existirá inserção de novos integrantes ao grupo. Porém, para que isso aconteça é preciso, antes de tudo, ser conhecido e reconhecido, fazer parte do local, ser considerado um “becciano”, ser da casa e concomitantemente conhecer os códigos e significados vivenciados pelo grupo.

Ser estabelecido, saber das regras, vivenciá-las, reproduzi-las, eis, portanto, a imposição implicitamente existente. O termo estabelecido ou *establishment* está sendo usado para designar um grupo de pessoas que se identificam por um conjunto de códigos e signos de linguagem com laços sociais intensos e “que ocupam posições de prestígio e poder” (Elias & Scotson 2000: 7).

Analiso a seguir questões de âmbito metodológico sobre as diferenças de gênero no espaço Becco do Cotovelo.

O olhar que não quer ver, ser becciano(a): uma desmistificação do gênero

Ao iniciar a pesquisa no Becco do Cotovelo, na cidade de Sobral/CE, senti-me como se não estivesse em “casa” (Strathern 2014). Strathern (2014) nos fala da importância de relativizar o “estar em casa”, embora o(a) pesquisador(a) pertença a mesma sociedade de seus(suas) interlocutores(as), pois há uma “inevitável distância social” entre o(a) etnógrafo(a) e os “outros” habitantes do lugar (Strathern 2014: 133; DaMatta 1981; Velho 1978).

A minha presença, enquanto gênero feminino, foi, nos períodos iniciais da pesquisa, perturbadora para meus interlocutores. Os mexericos eram constantes. Enquanto para alguns eu não passava de uma “busca dotes”, outros tantos não compreendiam o real sentido de eu estar ali entre os homens. Seria uma jornalista, uma funcionária de partidos políticos? Eu era incessantemente questionada sobre minha função neste lugar.

Em um lugar de homens, minha presença foi constantemente induzida a mostrar serviço. Com uma caderneta à mão, fui vista como uma estranha que “invadia” a normalidade do

espaço. Olhos curiosos me observavam a todo instante. Fofocas surgiram e entoaram as bocas dos frequentadores. “Estaria ali em busca de maridos?”, “qual seria o meu predileto?”, “olha, ela fala com todos os homens!”. Dúvidas e questionamentos surgiram. Questionaram sobre meu estado civil, a minha família, se já tinha filhos, se gostava de estar casada. Um indagou, quando afirmei que era casada: “muitas mulheres que fizeram o mestrado se separaram”, citando, inclusive, algumas professoras conhecidas como forma de dar mais entonação e sentido ao que havia falado.

Por fim, passado esse momento de transição e de estranhamentos recíprocos, fui aceita, pela minha insistência diária em frequentar o espaço. Certo dia, ao chegar no Becco, um dos homens que frequentava diariamente o lugar disse: “Você já tá virando uma becciana!”. O termo “becciana” é uma categoria nativa, referida a mim pelos frequentadores do Becco do Cotovelo.

Becciano... os frequentadores do Becco, os frequentadores do Becco a gente chama becciano. O Cid é, o pai dele era becciano, vinha todas as semanas, o Dr. José Euclides [pai do Cid] vinha três vezes por semana aqui, mesmo sendo prefeito. Então becciano é esse, aquela pessoa que passa, toma um cafezinho, bate um papo (Luís Torquato, entrevista feita em 12 set. 2015).

Pode-se perceber, a partir da fala do entrevistado Luís Torquato que a palavra becciano é usada para se referir unicamente a homens. Estes que por sua vez passam algumas horas do dia trocando informações. E nesse esforço imagético de lembranças Luís Torquato faz referência a figuras masculinas que se faziam presentes no Becco do Cotovelo, como o Cid Ferreira Gomes e o conhecido Dr. José Euclides Ferreira Gomes. É importante lembrar que as lembranças são remetidas a homens de destaque para a história de Sobral; em contraposição, os homens comuns não são lembrados nesse momento. Esquecidas também nesse processo de construção da memória e da história do Becco do Cotovelo estão as mulheres, estas que por muito tempo foram impedidas de se fazerem presentes neste lugar.

Quando pergunto sobre as mulheres, as “beccianas”, o entrevistado faz uma pausa e menciona a mãe do Cid Ferreira Gomes, enfatizando sua educação e seu respeito às pessoas. Segundo Luís Torquato, Maria José Ferreira Gomes era uma becciana, pois quando lecionava na escola Sant’Ana, situada no centro da cidade de Sobral, tinha o costume de tomar um cafezinho no Becco do Cotovelo.

Tem, [becciana] com menos frequência tem, mas aqui e acolá aparece alguma, né. É menos frequente. [Ser becciana] seria mais ou menos a mesma coisa [ficar diariamente no Becco conversando], mas aparece, não é com muita frequência, mas aparece, não é com a mesma frequência que tem os homens, mas aparece. Na verdade de momento não tô lembrando, porque tem as pessoas que trabalham, as pessoas que trabalham eu não considero, porque trabalham, vem com o dever de ofício, né, mas tem umas pessoas que não lembro bem o nome que frequentavam, frequentam, não tô lembrando assim o nome (Amadeu Pereira, entrevista feita em 25 ago. 2015).

Segundo o entrevistado Amadeu Pereira, existem mulheres que são consideradas beccianas, porém, não são tão conhecidas por ele quanto os beccianos, por isso a vaga

lembrança de nomes. Há também uma divisão entre quem é becciano e quem trabalha no Becco: as pessoas que trabalham não são consideradas beccianas pois vão por obrigação, como ele mesmo fala “dever de ofício”. Neste sentido, quem seriam os beccianos e/ou beccianas? Os beccianos seriam aquelas pessoas aposentadas que estariam ali pelo prazer das vivências? E as mulheres? Existiriam beccianas? Se a única becciana foi Maria José Ferreira Gomes, podemos dizer que não existem beccianas no Becco do Cotovelo? Como denominaríamos as mulheres que trabalham no Becco? Quais os atributos sociais e morais necessários para alguém ser denominado de becciano(a)?

Essa diferenciação estaria ancorada na posição social que as mulheres ocupam neste espaço social? Enquanto Maria José, pertencente a uma família favorecida economicamente, foi denominada de becciana, embora não permanecendo por muito tempo no espaço, as mulheres que ali trabalhavam, que passavam os dias no espaço, não eram lembradas enquanto pertencentes ao grupo. Por serem de uma condição social desfavorecida, de famílias desconhecidas, por terem uma vida regrada pelo trabalho braçal (atendente, zeladora, vendedora)? Enfim, seria esta a separação entre os pertencentes e os excluídos do grupo de beccianos(as)?

São esses os questionamentos que faço e fiz quando me chamaram, pela primeira vez, de “becciana”. Fui considerada uma “becciana”, devido à minha frequência em comparecer no espaço, já podia ser considerada “do lugar”. Essa expressão, em me identificar com o lugar, implica a aceitação e familiarização deles para comigo. Assim, há uma diferenciação entre os transeuntes que passam e aqueles que vivenciam e fazem a vida social e cultural do Becco do Cotovelo.

Ao ouvir esta afirmação, fiquei atônita, com o sentido que ela carregava e carrega. O que é se sentir do grupo? Quais significados teria que compartilhar? Quais atributos seriam a mim direcionados? Seria considerada pertencente ao grupo de “beccianos” e “beccianas”? Quem tem o poder de determinar quem é transeunte e quem é “becciano(a)?

Ao falarmos em “becciana”, nos remetemos a um sentimento de pertença, de reconhecimento e de valorização do lugar. Ou seja, implica que os frequentadores mantêm laços de sociabilidades. Assim, ser becciano(a) é sinal de pertença a um lugar específico, compartilhamento de determinado tipo de linguagem e valores sociais entre algumas pessoas. Para tanto, compreende-se o espaço como forma de se atualizar das fofocas da cidade, criando e recriando signos de pertença e identificação com o ser becciano(a).

No entanto, como poderia me sentir pertencente a um grupo masculino de “beccianos”? Seria eu a única mulher neste grupo? E onde estariam as mulheres do Becco do Cotovelo? As “beccianas”? Elas existem?

Reflito sobre as relações tecidas entre a pesquisadora e seus(suas) interlocutores(as) em campo na construção do processo de desenvolvimento da pesquisa. A subjetividade da pesquisadora foi “afetada” Favret-Saada (2005) e despertada para a condição de ser mulher (Cioccarri 2009) e estar “adentrando” e alterando um ambiente predominantemente masculino quando meus interlocutores, os “beccianos”, me interrogavam sobre minhas reais intenções de estar ali, espaço visto por muitos homens para mostrar suas garras de conquistador, seja narrando aos frequentadores os feitos amorosos ocorridos, seja buscando conquistas amorosas ou levando suas conquistas ao espaço para que todos vejam e se certifiquem.

Era 7:30 da manhã, fui ao Café Jaibaras e pedi um café com tapioca. Tinha muitas pessoas no entorno do balcão, mas um detalhe me chamou atenção. Uma moça de aparência bem jovem estava no balcão, com um short bem curto e uma blusa meio frouxa caída sobre o ombro. Confesso que não foi algo corriqueiro, comecei a observar. A moça (entre 13 e 14 anos) estava desacompanhada, aparentemente. Olhei em volta e ela parecia só, com aspecto sério, apenas observava. Percebi que tinha um homem que figurava já ter seus cinquenta ou sessenta anos, pensei, “este deve ser o pai dela”. Tomei meu café, ali em pé, sentindo o cheiro ofusco de café, cigarros, pastéis e bolos. Terminei o café, paguei a quantia correspondente ao Expedito Vasconcelos (dono do estabelecimento) e me sentei à frente deste Café, no entorno do pilaste da luz, e por alguns instantes pensei noutras coisas me deixando esquecer desta observação. Minutos depois, um homem quebrou a reflexão que fazia com alguns comentários: “Os velhos de hoje querem é as novinhas”! Continuou falando freneticamente o quanto e como esses homens conseguem “conquistar” as mulheres. Instantes depois gritou: “Sargento”! Como uma forma de evidenciar a pessoa a que estava se referindo (diário de campo, 07 set. 2015).

A garota que observei não era a filha do Sargento, mas a “conquista”, o “troféu” conseguido, e ele, o Sargento, estava ali para exibir o seu “sucesso” a todos(as) os(as) beccianos e beccianas como forma de mostrar sua masculinidade e poder de conquista.

A pedofilia existe desde tempos imemoriais. Porém, na sociedade contemporânea esta temática está tendo maior destaque e visibilidade, pois os meios de comunicação têm se tornado mais presentes na vida das pessoas. A pedofilia se configura como o envolvimento íntimo carnal ou não carnal de um adulto com uma criança ou adolescente.

No Brasil há algumas músicas que têm a pedofilia como temática central: *Baba baby*, de Kelly Key, *Menina*, cantada por Netinho, *Lágrimas de crocodilo*, de João Penca, dentre outras músicas. Partindo desse viés da musicalidade popular, pressupõe-se que a pedofilia foi naturalizada por uma grande parte da sociedade, o que dificulta as denúncias sobre possíveis ocorrências (Cappellari 2005).

Quando o Sargento leva sua conquista, uma adolescente, para o Becco do Cotovelo, como forma de afirmar seu poder de conquistador, percebe-se claramente a naturalização desse ato pedófilo. As pessoas veem, falam sobre o assunto como algo corriqueiro e normal em nossa sociedade contemporânea.

Foi nesse espaço de olhares atentos, de boatos, fofocas e insinuações que me inseri. A interação em campo acontece de forma construtiva, em que tanto o pesquisador quanto o interlocutor observam e são observados, ocorrendo uma observação recíproca (Cioccarri 2009).

Gênero: vulnerabilidade e incursão

Gênero é uma categoria de análise em que se objetiva compreender as diferenças simbólicas entre os sexos. Atualmente, o termo gênero é utilizado quando se quer falar de mulheres, de estudos que discutem a problemática da mulher na sociedade moderna.

Porém, não se limita apenas à mulher, mas discute também questões masculinas, pois as mulheres não estão separadas destes, muito ao contrário, há uma interdependência entre ambos, isto é, falar em gênero nos remete tanto à mulher quanto ao homem. “Gênero, como substituto de mulheres, é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro” (Scott 1989: 3). O estudo de gênero implica compreender como se diferenciam os papéis sociais atribuídos tanto ao homem quanto à mulher e como essas relações são construídas e permeadas no cotidiano. Cabe ressaltar as relações de gênero no Becco do Cotovelo como forma de compreender as representações dos papéis do homem e da mulher.

O processo de transcender o estar lá, de objetivar os dados apreendidos no campo e fazer uma “descrição densa” (Geertz 2008) do campo de pesquisa passa por muitos ritos e transformações até chegar ao produto final. Angústias, medos, incertezas, são muitas as preocupações e transtornos acometidos e causados nesta tarefa de analisar, transcrever e escrever a vida do “outro”, mas também, e talvez seja o mais difícil, perceber essa relação entre o(a) pesquisador(a) e o(a) interlocutor(a) e suas relações construídas e desconstruídas durante o processo de pesquisa.

As angústias e medos são mais intensos quando o “outro” não faz parte de seu convívio rotineiro. É nesse momento de iniciação, de transição entre ser um mero transeunte ou alguém que vai mudar a configuração do espaço, seja em conversas e insinuações masculinas, seja em uma simples foto ou filmagem, que se percebe a profundidade da tarefa do(a) antropólogo(a), de observar e ser observado(a), interrogar e ser também questionado(a), e estes *insights* são mais intensos quando a pesquisadora é uma mulher que “adentra” este ambiente masculinizado (Cioccaro 2009; Fonseca 2014).

Iniciei minha incursão no campo entre final de julho e início de agosto de 2014, período este que antecedia o processo eleitoral para eleger os representantes políticos. Estava no “tempo da política” (Palmeira 1992) e devido a esse período fui confundida como “cabra eleitoral”, desse ou daquele partido, mas também como jornalista.

A presença feminina, a minha particularmente, foi observada, questionada e estranhada. Por ser mulher, com um caderno à mão, anotando os acontecimentos, por não fazer parte dos acontecimentos “normais” do espaço. A minha timidez se misturou à esperteza dos galanteadores e sedutores do espaço. Foram inúmeros as insinuações, convites e propostas para me conhecer mais intimamente até que eles se acostumassem e realmente acreditassem que estava fazendo um trabalho acadêmico (acredito que até hoje tem alguns homens que ainda duvidam da necessidade de estar ali).

Quando iniciei meu trabalho de campo fui com aliança na mão esquerda, o que simbolizava que era casada. Questionaram a minha naturalidade, e quando falei que era de Meruoca, cidade serrana próxima a Sobral, um senhor, Paulo Passos, disse: “Esqueça prá lá, é daqui [Sobral] pra diante, a civilização é daqui pra frente”. Quando ele falou essas palavras, comecei a refletir a importância conferida à cidade de Sobral e a consequente desvalorização em relação às demais cidades interioranas. Deu a entender que a cidade de Sobral, apesar de não ser litorânea, é o início da civilização, e, portanto, as demais cidades circunvizinhas são consideradas inferiores e de menor prestígio. Lembrou-me de diferentes concepções hegemônicas que construímos. Provavelmente, as pessoas de Fortaleza

se consideram mais “civilizadas” do que as de Sobral. Entretanto, Sobral reproduz essa hegemonia perante os outros municípios, os quais considera inferiores.

Mesmo usando aliança, eram constantes os convites e galanteios. São muitas as reflexões que fiz em meu diário de campo sobre a angústia sentida no período de adaptação (tanto meu, como pesquisadora, quanto de meus interlocutores).

O Becco do Cotovelo é um espaço predominantemente masculino e devido a este fato a pesquisadora, por ser mulher, tem que superar vários embates e obstáculos construídos nas relações com os beccianos. A mulher, vista como uma personagem que não pertence a este espaço de discussão política e busca de interesse econômico, representa uma personagem inconveniente, avaliada apenas a partir de suas características sexuais. Recebi galanteios e propostas de vários homens que conversei. Tentei buscar na vestimenta uma forma de distanciamento, de ocultação do corpo (se é que é possível), para que não ficasse provocativo, incitando assim ao desejo sexual, mas mesmo com esse “jogo de cintura” os inconvenientes aconteceram (diário de campo, 03 out. 2014).

Preocupe-me com as roupas, como iria me apresentar sem ser provocativo e sensual. Assim, como Fonseca (2014), compreendi que determinados tipos de roupa poderiam diminuir a sensação de desconforto perante os olhares e jogos de palavras e insinuações dirigidas a mim. Ao ir ao campo vestia uma calça comprida, uma blusa quase sempre frouxa e por cima um blazer, ou seja, não deixava à mostra meu corpo. Devido à minha repetição na roupa, um “becciano” chegou a me perguntar se aquela roupa era farda, devido ao uso frequente.

Em minhas primeiras idas a campo, isto é, nos meses que antecederam o período eleitoral, os beccianos tinham medo de falar de política, do Becco, de suas vidas, eles se recusavam. Somente depois do período eleitoral, foi que comecei a ser notada não como uma “cabra eleitoral”, mas como alguém que está fazendo um “livro”. Eram constantes as perguntas: “ainda não terminou?”; “ainda é o mesmo trabalho?”; “quando é que vai sair o livro?”; “Você vai publicar?”; “Você vai ser professora, né?”. Certo dia estava na Caixa Econômica Federal, situada próximo ao Becco do Cotovelo, quando alguém se aproximou por trás, quase a sussurros, e disse: “está fazendo empréstimo para publicar o livro?”.

A partir deste comentário sugestivo fiquei analisando o nível de cobrança e responsabilidade que recaía sobre mim. Estava ali, pesquisando, falando sobre eles e consequentemente teria que dar algo em troca, não poderia simplesmente fazer meu trabalho e deixá-lo na academia sem que as pessoas que me ajudaram a escrever, sendo interlocutores(as), pudessem ler e opinar sobre ele.

Certo dia, mostrei meu trabalho de qualificação ao seu Amadeu Pereira e ao ler o título, “Becco do Cotovelo ser becciano e ser becciana: uma questão de gênero”, este me perguntou se o trabalho estava bom. Percebi que ele, ao ler o título, não entendeu muito bem o que significava e por isso a pergunta. Leu todas as informações da capa do trabalho em voz alta e deu bastante entonação quando leu o nome “Universidade Estadual do Ceará” e repetiu com entonação a palavra “UECE”, como se estivesse se certificando que realmente eu estava fazendo um trabalho acadêmico para uma Universidade. Essas dúvidas e incertezas quanto ao meu papel foram percebidas também quando este sugeriu para falar do

meu trabalho no programa de rádio do Ivan Frota, que é transmitido todos os sábados do Becco do Cotovelo pelas rádios Tupinambá AM e Paraíso FM de Sobral, como também pedem que faça entrevistas quando alguma emissora de televisão faz algum tipo de entrevista no Becco do Cotovelo.

Essas desconfiças sobre o meu papel de pesquisadora, de ser mulher, casada, de estar entre eles constantemente, os faz pensar e questionar sobre a veracidade de minha função de pesquisadora e “escritora”. Quando eles me perguntam se ainda estou fazendo o mesmo trabalho, se “já terminou” ou “até quando vai durar” me remete às perturbações que posso causar em campo. Ao fazer entrevistas com os beccianos pela segunda vez, alguns se recusaram e disseram: “de novo”, como se já estivessem se sentindo incomodados com minha presença e com minhas perguntas e inquietações.

Encruzilhada subjetiva: entraves no campo de pesquisa

A tarefa de pensar o trabalho etnográfico a partir das relações dialógicas entre pesquisador(a) e seus(suas) interlocutores(as) é recente e ainda traz certa insegurança quanto à validade científica dos dados. Mesmo que antropólogos(as) de renome como Malinowski, Lévi-Strauss, dentre outros(as) tenham reservado algumas páginas de seus manuscritos às experiências subjetivas com os nativos, a estas eram dados valores marginais, diferentemente dos achados centrais da pesquisa, considerados como a verdadeira Teoria Antropológica (Grossi 1992).

Hoje já é aceitável que os(as) antropólogos(as) reservem capítulos introdutórios para discutir essa relação subjetiva em campo. Porém, os clássicos da antropologia somente relataram a experiência subjetiva em campo quando já tinham uma carreira sólida, para que esses “achados” não viessem a desvalorizar seus trabalhos. A exemplo dessas publicações tardias, temos o Diário de Malinowski, publicado postumamente por sua esposa Waletta Malinowski.

Quando os antropólogos se referiam às suas experiências pessoais, tais como dificuldades, medos, angústias, ressaltavam de imediato que aquele ensaio não era antropologia, mas um relato literário. Isto é, só era considerado antropologia aquilo que não fazia parte da subjetividade do sujeito, mas algo que é “encontrado” de forma inerte. Assim, a subjetividade eram particularidades de outras ciências.

Essa revalorização da experiência subjetiva pode estar vinculada aos novos paradigmas da Antropologia pós-moderna, como também à emergência do pensamento feminista que enfatiza essa questão da relação entre pesquisador(a)/interlocutor(a) a partir da questão de gênero.

A Antropologia foi, por muito tempo, etnocêntrica e androcêntrica, isto é, um homem falando com e por outros homens. As primeiras antropólogas a falarem sobre as mulheres de um ponto de vista cultural foram Ruth Benedict e Margareth Mead e suas seguidoras. Podemos perceber a grandeza do Dala, uma relação de troca, feita por mulheres nas Ilhas Trobriandesas, descrito por Anette Weiner no livro “A riqueza das Mulheres” (1983), mesmo local onde Malinowski estudou as relações de trocas entre os homens, o Kula (Grossi 1992). Anette Weiner apreendeu as relações entre as mulheres por se sentir tocada pelas nuances de relações e diferenças no tocante à sua realidade social e cultural.

O que percebemos é que os achados empíricos dependem do olhar relativizado e da subjetividade dos(as) pesquisadores(as). “O que proponho, arriscadamente, aqui, é pensar a diferença de interpretação como inerente à própria relação subjetiva que vai marcar indelevelmente cada Trabalho de Campo, experiência marcada pela biografia individual de cada pesquisador” (Grossi 1992: 6).

Malinowski, imbuído de suas singularidades subjetivas e objetivas, descreveu o sistema de troca Kula em “Os Argonautas do Pacífico Ocidental”, partindo de um ambiente masculino, estando presente nas cerimônias e comemorações masculinas, local favorável e disseminador de suas descrições e análises sobre a vida dos homens Trobriandeses. Por outro lado, o Dala, sistema de troca entre as mulheres, não lhe foi percebido, deixando assim o legado a Anette Weiner em “A riqueza das mulheres”.

Desta forma, o campo empírico se mostra como lugar de construções e desconstruções de identidades e subjetividades. Segundo Grossi:

Alguns relatos de mulheres em campo mostram como elas vivenciaram e refletiram sobre o deslocamento permanente entre a própria identidade, o eu e a identidade dos outros (homens e mulheres), redefinindo sua própria identidade de mulher, pesquisadora, engajada e não apenas de cientista neutro e assexuado (Grossi 1992: 8).

Por muito tempo se buscou uma legitimidade e uma visibilidade do gênero. A mulher vista como ser invisível desvencilha esse tempo pretérito e ressignifica suas práticas e atitudes para a construção de um gênero visível na sociedade contemporânea. “O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as construções sociais – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres” (Scott 1989: 7).

E, no Becco do Cotovelo na cidade de Sobral, Ceará, Brasil, a mulher também teve sua invisibilidade assim como em muitos espaços públicos. Um lugar predominante masculino em que a mulher não era aceita. Essa não aceitabilidade não estava explícita em nenhuma lei ou norma municipal, mas estava ancorada no senso comum do povo sobralense de que o Becco era lugar de homem, da fofoca, do futrico e que, portanto, tais conversas masculinas não interessavam ao mundo feminino. Numa entrevista com um “becciano”, Amadeu Pereira, 58 anos, quando perguntei se há mais homens ou mais mulheres no Becco do Cotovelo, ele disse: “mais homens, bem mais homens [se encontram no Becco] devido à conversação. Aqui se fala muito sobre política, sobre futebol, muito sobre jogo, a loteria e tal, aí a mulher é mais, mais, os homens conversam mais sobre esses assuntos, mulher é mais outra coisa” (Amadeu Pereira, entrevista feita em 09 out. 2015).

O que podemos perceber é que o Becco do Cotovelo ainda é visto como lugar do homem, das conversas para homens, o que exclui a mulher, pois as conversas de mulher “é mais outra coisa”, não é política, não é futebol nem jogo, essas são conversas de homens. Mas, por outro lado, existem concepções que contradizem essa primeira fala, alegando que, atualmente, no Becco do Cotovelo está diferente; se a mulher era “totalmente discriminada” a passar no Becco, essa situação está se transformando, segundo Maria de Lourdes Vasconcelos:

Então pra mim faz grande diferença de hoje ser uma mulher que faz parte aqui do Becco, uma coisa que foi tão proibida nos anos... no início do século, até nos anos 60 que eu tinha acabado de nascer, 70, 80. A mulher era

totalmente discriminada a passar no Becco. Na época você sabe que existia um preconceito tudo sobre a mulher. Nós fomos conquistando muitas coisas que existiu esse preconceito tipo, porque o Becco hoje... eu acho até que depois que eu vim para cá ele mudou, tudo acontecia aqui, só tinha o Becco em Sobral, não tinha outro espaço de encontro para as pessoas, dos homens, principalmente, e naquela época os homens discriminavam mesmo as coisas que as mulheres não podiam fazer, tipo, tá onde tinha muito homem, como é o caso do Becco que aqui era os corretores de imóveis, os corretores de carro, vinham vender gado, vinham fofocar mesmo, vinham cortar cabelo, então era só homem (Maria de Lourdes Vasconcelos, entrevista feita em 12 out. 2015).

No Becco do Cotovelo, nos anos 1960, 1970, “a mulher era totalmente discriminada”, portanto, era mais conveniente para elas que não passassem pelo corredor, local em que poderia ser galanteada pelos inúmeros homens que ali se encontravam. A mulher não poderia estar em locais considerados “de homens”. “O Becco era o lugar do esculacho masculino ao sexo oposto” (Freitas 2000: 186), portanto, apenas as “garotas de programa” passavam e faziam seus trabalhos no espaço. O que aumentaria mais a resignação das mulheres consideradas “de família” a não frequentar o lugar.

Outro fator que vem a confirmar essa ausência da mulher sobralense no Becco do Cotovelo eram os eventos oferecidos nas quintas-feiras à noite, as chamadas “quintas sem lei” (Freitas 2000). O Bar Beth’s oferecia aos clientes consumidores cadeiras para descansar o corpo, uma música para relaxar e um ambiente alegre e animado com bebidas e possíveis “garotas de programa”. Por um bom tempo, o Becco do Cotovelo manteve uma áurea assombreada sobre os habitantes que ali frequentavam, portanto, não seria aconselhável que moças e mulheres de “boa índole” passassem pelo local. Muito ao contrário, as mulheres que frequentavam o lugar, tanto à noite quanto pelo dia, eram pessoas que estavam interessadas em algum tipo de relação mais íntima com os homens do espaço.

“Nós fomos conquistando muitas coisas”, e uma grande conquista é hoje “ser uma mulher que faz parte aqui do Becco”. O que se pode perceber a partir da fala da interlocutora é que, se hoje há mulheres que trabalham no espaço e sobrevivem de forma digna e “respeitosa”, foi um conquista alcançada, segundo Maria de Lourdes Vasconcelos:

a loja do Mistral, foto Mistral, a maioria lá, as meninas são mulheres que trabalham lá, eu acho que deve ter lá uns três a quatro homens, são duas lojas. Você pode ver que a maioria, a dona fica dentro, as filhas da dona e muitas funcionárias, e existem também as livrarias que têm muitas meninas trabalhando, já existem essas lojas, outras lojas todas têm mulheres, então eu acho que tá acabando isso, até porque eu acho que a mulher pode andar, sim, em todos os lugares, acabou essa história (Maria de Lourdes Vasconcelos, entrevista feita em 12 out. 2015).

Podemos perceber, a partir da fala de Maria de Lourdes Vasconcelos, que atualmente no Becco do Cotovelo existem muitas mulheres que trabalham no espaço. Na Photo Mistral existem muitas mulheres, a proprietária do estabelecimento, a filha da proprietária, além de algumas funcionárias; percebe-se, portanto, que a figura feminina está ocupando

alguns espaços no Becco do Cotovelo, e os trabalhos como vendedora, atendente de caixa, zeladora estão entre as funções exercidas por essas mulheres “beccianas”.

Uma crônica intitulada “Quem disse que mulher não gosta de Beco?” (1999), de Madalena Ferreira, referenciada no livro de Freitas (2000), tinha como objetivo mostrar à sociedade sobralense que o Becco do Cotovelo não era local somente para homens, que mulheres também poderiam frequentá-lo. Então essa preocupação quanto a tornar feminino o espaço vem sendo discutida e analisada desde o final do século passado (Freitas 2000). “A dimensão feminina atribuída ao local procura amenizar o peso e a aspereza de um lugar antes estritamente masculino. Pretende elaborar uma imagem que dá charme e beleza ao local, tornando-o mais convidativo, acolhedor e simpático” (Freitas 2000: 187). Um dos homens mais antigos do Becco do Cotovelo (que atualmente, devido à idade avançada, deixou de frequentar o espaço), o senhor Eli Félix Rocha, chegou no Becco do Cotovelo em 1942. Segundo este “becciano”, mulher não passava neste espaço por ser um lugar feio, “era um local ruim em Sobral, onde mulher não passava por ser sujo, com mau cheiro e ruim” (Santos & Moreira 2013).

Considerações finais

Neste trabalho busquei refletir sobre a questão de gênero e das dificuldades de incursão no campo empírico. Embora não tenha analisado na amplitude que a temática exige, procurei enfatizar algumas questões pertinentes ao trabalho de campo.

Ser mulher e escolher como objeto de pesquisa um espaço masculinizado evidencia problemáticas que emergiram a partir do trabalho etnográfico e que merecem ser aprofundadas no decorrer de outras reflexões posteriores.

O trabalho empírico requer uma troca recíproca entre pesquisador(a) e interlocutor(a) para que se possa perceber a dinamicidade dos achados e a riqueza das relações. Uma mulher em campo, o estudo do “outro”, a vivência de um espaço masculinizado impõem certos recortes e escolhas, éticas e metodológicas. Deixar ser “afetada” é uma escolha, um caminho, um percurso. Seguir uma pesquisa tentando ser objetiva, procurando não interferir no campo é uma ilusão.

Na mesma proporção que a pesquisadora passa por processos de adaptação e dificuldades no campo empírico, os(as) seus(suas) interlocutores(as) também têm incertezas, desafios, questionamentos e se sentem inseguros com essas mudanças e transformações em campo. Essa fase angustiante não é exclusiva dos(as) antropólogos(as) e ou pesquisadores(as), e os sujeitos da pesquisa também precisam de um tempo para se adaptar às interferências trazidas pelo(a) pesquisador(a).

Esta pesquisa desvendou achados sobre as representações cotidianas, as táticas de fazer o espaço, as diferenças de gênero, evidenciadas pelo trabalho empírico. As configurações encontradas no Becco do Cotovelo não são representações urbanas isoladas, mas trazem elementos para se pensar as representações da cidade de Sobral.

Referências

- BONETTI, Alinne; FLEISCHER, Soraya (orgs.). 2006. *Entre saias justas e jogos de cinturas: Gênero e etnografia na antropologia brasileira recente*. Porto Alegre.
- CABRAL, Luciana. 2005. "A rua no imaginário social". *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, IX(194). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-60.htm>>. Acesso em: 18 out. 2016.
- CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. 2005. "A pedofilia na pós-modernidade: um problema que ultrapassa a cibercultura". *Em Questão*, 11(1):67-82.
- CARNEIRO, Antonia M. R. L. *Gênero e política: etnografia visual no Becco do Cotovelo*. Dissertação de mestrado em Sociologia. Universidade Estadual do Paraná.
- CIOCCARI, Marta. 2009. "Reflexões de uma antropóloga "andarina" sobre a etnografia numa comunidade de mineiros de carvão". *Horizontes Antropológicos*, 15(32):217-246.
- DAMATTA, Roberto. 1978. "O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues". In: E. de O. Nunes, *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- _____. 1981. *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rio de Janeiro: Vozes.
- _____. 1997. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco. 5. ed.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. 2000. *Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. 2005. "Ser afetado". *Cadernos de campo*, 13:155-161. Tradução de Paula Siqueira; Revisão de Tânia Stolze Lima.
- FONSECA, Claudia. 2000. *Família, fofoca e honra*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- FONSECA, Ingrid Ferreira. 2014. "Antropóloga e 'seu marido' no espaço de sociabilidade e lazer masculinos: problematizações acerca das questões metodológicas na abordagem etnográfica". In: *29ª Reunião Brasileira de Antropologia*, Natal.
- FREITAS, Nilson Almino de. 2000. *Sobral: Tradição e opulência*. Sobral: UVA.
- FROTA, D. José Tupinambá da. 1995. *História de Sobral*. Fortaleza. 3. ed.
- GEERTZ, Clifford. 2008. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- GROSSI, Miriam Pillar (org.). 1992. *Trabalho de campo e subjetividade*. Florianópolis: Editora Claudia Lago.
- IRLYS, Barreira. 2012. *Cidades Narradas: memória, representações e prática de turismo*. São Paulo: Editora Pontes. Coleção Cultura e Política.
- LAPLANTINE, François. 1987. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Editora Brasiliense. 3. ed.
- MAUSS, Marcel. 1974. "Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". In: _____. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp. v. II.
- PALMEIRA, Moacir. 1992. "Voto, racionalidade ou significado". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_20/rbcs20_04.htm>. Acesso em: 01 out. 2015.

- PAULA, Maria Jaqueline Gomes de. 2000. *Do Becco à Cidade: Representações de um espaço urbano em Sobral – CE*. Monografia de graduação. Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral.
- PÉTONNET, Colette. 1982. “L’Observation flottante. L’exemple d’un cimetière parisien”. *L’Homme*, 22(4):37-47. Tradução de Soraya Silveira Simões; Revisão de Evelina Maria Cunha Carneiro da Silva.
- SANTOS, Edilberto Florêncio dos; MOREIRA, Igor Alves. 2013. “Que história é essa?” In: *XXVII Simpósio Nacional de História*, Natal.
- SCOTT, Joan. 1989. *Gênero uma categoria útil para análise histórica*. New York: Columbia University Press. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila.
- STRATHERN, Marilyn. 2014. “Os limites da autoantropologia”. In: _____, *O efeito etnográfico: e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify. Tradução de Iracema Dulley, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini.
- VELHO, Gilberto. 1978. “Observando o familiar”. In: E. de O. Nunes (org.), *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- WEBER, Max. 2003. “A objetividade do conhecimento nas ciências sociais”. In: G. Cohn (org.), *Max Weber: Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 13.

Recebido em 02 nov. 2015.

Aceito em 05 out. 2016.

